

Transcrição da Escola de Comunidade com padre Julián Carrón Milão, 22 de fevereiro de 2017

Texto de referência: L. Giussani, Por que a Igreja, Ed. Companhia Ilimitada, São Paulo 2015. Capítulo “Uma missão da Igreja para com o homem terreno” pp. 231 a 244.

- *Marta, Marta*
- *Leaning on the everlasting arms*

Glória

Veni Sancte Spiritus

Carrón: Não devemos perder a consciência do percurso que fizemos até agora, antes de começar um novo capítulo. Estamos nos perguntando sobre o que é a Igreja, e por isso partimos da observação de que a Igreja se coloca desde o início como continuação de Cristo na história. Depois, identificamos os elementos constitutivos da consciência da novidade que todos aqueles que participam da vida da Igreja levam consigo. Em seguida, vimos qual é o método que Deus usa para se comunicar – “através do humano” –, isto é, das pessoas que Ele chamou, que escolheu como instrumento de comunicação do divino. Então, este é o ponto: quem pertence à vida da Igreja participa desse método. Deus nos chamou para participar desta vida para que através da humanidade de cada um de nós possa passar, comunicar-se divino. Hoje o capítulo da Escola começa assim: “Deveríamos agora tirar algumas consequências daquilo que dissemos até aqui a respeito do lugar que o humano tem na realidade total do fenômeno cristão: o humano foi escolhido por Deus como instrumento de comunicação” – atenção ao adjetivo que usa Dom Giussani – “existencial de Si” (p. 231). É isto que devemos ter no olhar ao iniciarmos um novo capítulo.

Um amigo que se encontra no exterior, e que não pôde estar presente nesta noite, pergunta: “Como esta chamada que descobrimos neste capítulo, na qual se diz que a Igreja tem como tarefa e como função aquela de Cristo, isto é, despertar o senso religioso, como esta chamada a uma “posição ótima” para enfrentar a vida, é consequência e sinal do divino?”. Como a nossa experiência responde a esta pergunta, como adquirimos a consciência de que esta chamada é sinal do divino?

Colocação: *Conto um pequeno fato que me aconteceu alguns dias atrás. Normalmente, ao terminar o turno de trabalho da manhã, tenho o tempo exato para comer rapidamente e depois devo “voar” para a outra parte da cidade para o trabalho da tarde. No outro dia, estava no caixa do supermercado com o meu lanche para pagar e diante de mim havia um homem sentado em uma cadeira de rodas elétrica, com uma sonda no nariz e o rosto bem triste. A certo ponto, me chamou a atenção o diálogo entre esse homem e a moça do caixa, que evidentemente é uma amiga sua, e lhe pergunta como ele está. Ele responde que o tumor está piorando. A moça pergunta: “E por que a cuidadora não veio fazer as compras?” O senhor responde: “Disse que está doente. E eu o que posso dizer? Você acha que eu esteja bem?”, e começa a chorar. A moça continua: “Mas não há ninguém que possa ajudá-lo? Um sobrinho, um amigo?”. “Não, ninguém”. Na mesma hora me veio o ímpeto de lhe oferecer ajuda, mas por uma série de medidas e de meus pensamentos, no final aquele homem se foi e eu não consegui lhe dizer nada. Depois, e por uns quinze minutos, comecei a me sentir culpado, com um bom traço de moralismo. Em seguida, finalmente, no meio do caminho desses pensamentos, começou a surgir dentro de mim uma perspectiva diferente, nova, uma maneira de me olhar que não é a minha, mas fruto do caminho e da companhia que vocês me oferecem continuamente, você e meus amigos. Comecei, na verdade, a me perguntar: “Mas por que eu, que sou até hipocondríaco, me encontro com este pingo de certeza diante de um desconhecido, a ponto de querer lhe fazer companhia? E, depois, mesmo que o fizesse, o que eu posso dar a um homem que está vivendo o drama da doença?”. Poderia ter ajudado com as compras, preparado o almoço e talvez dado o contato de um bom médico, mas seria o bastante? Ler a Escola de Comunidade foi uma liberação, sobretudo quando Dom Gius fala da função da Igreja, do destino bom e da palavra definitiva sobre a vida do homem. Eu não consigo dar as definições destas palavras, penso somente*

em rostos, em fatos claros e precisos da minha história pessoal, ao rosto contente de uma minha querida amiga diante da doença e da morte da sua mãe. Eu vi que todo o mal que eu fiz, toda a dor, a doença e até mesmo a morte estão salvas, não são a última palavra. Eu entendo assim esta “palavra definitiva” da qual fala Dom Gius. Não sei como é possível, não sei por que, mas a este homem e ao mundo inteiro eu posso dizer: “Não chores meu amigo, há um abraço grande para a minha e a sua vida, em qualquer situação que você se encontre”. Percebo que sem ter essa consciência nos olhos, teria sido horrível ir até aquele homem e lhe ajudar em todas as suas necessidades. Quando, ao contrário, volto à dependência do meu Pai, tudo se reordena e os gestos, mesmo que malfeitos e limitados, se enchem de sentido. Nada foi perdido do encontro com aquele senhor, porque agora posso colocá-lo nas minhas orações, pedir que ele tenha a companhia de um outro qualquer, mesmo que eu não tenha conseguido fazer isso. Tudo é abraçado e salvo, e talvez amanhã terei a possibilidade de encontrá-lo novamente. Leio um trecho da Escola de Comunidade: “Faz parte da experiência de cada um o fato de que tantos problemas se alternem entre as mãos, exatamente enquanto nos debateremos para resolvê-los [...]. O motivo é que nós não estamos orientados para a nossa origem, caso contrário teríamos um olhar que faria emergir daqueles problemas o lado que permite construir, ou um olhar que nos faria aceitá-los, ou, enfim, um olhar que, dirigido a nós mesmos, nos faria encontrar a força para pedir ajuda. Seria, de fato, um olhar dirigido a Algo maior do que cada um dos problemas, um olhar que poderia conferir a tudo a perspectiva de um caminho bom” (p. 240).

Carrón: Então, dizendo em duas palavras sintéticas: como você descobriu que participar da vida da Igreja é sinal do divino?

Colocação: *Porque, antes de mais nada, muda a mim.*

Carrón: Muda a ti. E em que fato você viu isso?

Colocação: *Por como eu me coloquei naquela situação com aquele senhor, por aquela certeza da qual eu falava que eu vi a minha volta.*

Carrón: A pessoa poderia sucumbir. Não é que deva fazer a coisa certa, pode também não fazê-la – como acabou de nos contar –, mas no instante seguinte em que começaram a surgir os pensamentos e começou a fechar-se em si mesmo, exatamente naquele momento se encontra diante de um olhar, fruto do trabalho feito, fruto do lugar no qual está imerso, que lhe faz reabrir os olhos e levantar novamente a cabeça. É a libertação. E então se coloca novamente no meio da existência, vivendo como protagonista. Mas como você identificou isso? Disse: “Eu não consigo dar as definições destas palavras [como ‘destino bom’, ‘palavra definitiva’], penso somente em rostos, em fatos claros e precisos”. Estas percepções de si como “eu” irredutível, como *pessoa*, e este destino bom como *reino de Deus* você não produziu, não entendeu através de uma definição, mas através dos rostos, dos fatos que reabriram o jogo, que abriram os seus olhos. Quer dizer, é exatamente quando, às vezes, não conseguimos fazer nem mesmo as coisas certas que aparecem diante dos nossos olhos, é um Outro quem faz. Por isso que surge a descoberta da irredutibilidade do “eu”.

Colocação: *Estou terminando o último ano de universidade. Quarta-feira passada tinha uma prova oral muito difícil, é das últimas pedras a atravessar, sobre a qual eu havia investido os últimos dois, três meses. Fui reprovado, então foi mal. Mas me impressionaram principalmente três coisas diante deste fato, me surpreendi e descobri em mim três coisas. Primeiramente, antes da prova eu fui com um amigo na paróquia perto de onde moro para rezar, e havia dito pra mim mesmo: “Bom, se passo nesta prova virei à missa todos os dias durante uma semana”.*

Carrón: Uma troca de favores!

Colocação: *Três minutos depois fui reprovado. Pode imaginar a minha reação: vontade de mandar tudo àquele lugar. Mas foi uma reação que durou pouco, porque logo depois, enquanto estava sentado no chão, desolado, pensei: “Maior razão para ir à missa todos os dias por uma semana, ou se não aonde vou?!”*, como se o meu verdadeiro desejo viesse à tona ainda mais, como se a relação original da qual dependo a florasse ainda mais. A segunda coisa é que depois, durante o almoço, um amigo, que havia visto todos esses meses de estudo e empenho, sofria mais que eu, e me dizia: “Que injustiça! Uma pessoa se empenha tanto e depois não tem os resultados esperados”. Uma coisa que me impressionou – porque eu a encontrei diante dos meus olhos como algo novo – foi que eu

poderia perfeitamente continuar com as minhas lamentações, e ao contrário me descobri em uma posição nova: “Vejam o que há aqui para mim, a partir de agora, desta tarde e desta noite”. Fiquei surpreso que por uma vez, respeito a tantas outras, não fiz com que se ‘acabasse’ o dia quando eu queria porque as coisas não tinham ido como eu havia imaginado. A terceira e última coisa que me surpreendeu, e que talvez seja a mais ‘absurda’, foi que indo para a cama à noite, eu estava estranhamente contente, no sentido que eu estava em uma posição na qual eu me via obrigado a agradecer porque não podia me esquecer dos pequenos gestos, das pequenas situações que deixavam claro que há Alguém – que tem um nome preciso: Jesus – que vinha de qualquer forma, independente de mim, para me redespertar durante o meu dia, mesmo com os meus erros, as minhas quedas (se considero o êxito da minha prova, não poderia merecer): uma amiga me preparou um jantar ao saber que eu havia sido reprovado, outro amigo ficou comigo até tarde escrevendo um e-mail juntos, etc. Estes fatos eu conecto a este Alguém que me chama novamente. E não posso fazer outra coisa que reconhecer que este novo olhar vem do contínuo trabalho que você nos convida a fazer sobre a Escola de Comunidade, fazendo um confronto entre aquilo que lemos e aquilo que vivemos. Eu desejo extamente que esse método vire meu, porque hoje tem relação com uma prova e daqui há algum tempo com o trabalho, a família, quem sabe.

Carrón: É interessante isto. Não basta ter a definição justa, acontece que todos os fatos que acontecem (também aqueles que nos “fecham”, como por exemplo ser reprovado na prova ou viver algo que não parece justo) desafiam constantemente a nossa percepção do “eu” e do dever, do destino, que é o reino de Deus. Então é dentro, não fora, não no canto, é dentro da trama do viver que nos bloqueia constantemente, que podemos descobrir que coisa faz a diferença. Por quê? Porque nós vivemos dentro da história. O que diz a Escola de Comunidade? Que “a salvação é gerada por uma verdade de posição do homem diante de si mesmo e do seu destino último. Mas a palavra definitiva sobre a estrutura de cada homem – do nosso ‘eu’ – e sobre a história do homem não pode ser dita nem por uma apaixonada introspecção, nem por uma análise científica, nem pelas várias ideologias [...]. A última palavra [...] foi feita emergir na própria história por Deus [como podem ver, através de rostos precisos, através de uma história que chegou entre nós]: o Verbo comunicou-Se ao homem fazendo-Se carne” (p. 232), homem. É através de uma história que nós podemos responder à pergunta: do que se trata? O que é esta história que não sucumbe constantemente diante das minhas reduções diante de uma reprovação, algo que não vai de acordo com os meus desejos, pela incapacidade de oferecer ajuda a um senhor com dificuldade? De onde nasce isto? O que é esta realidade humana que faz recomeçar tudo? É a partir desses fatos que podemos começar a compreender o significado da palavra “pessoa” e da expressão “reino de Deus”. Foi isso que permitiu ao nosso amigo captar o desejo que tinha, mesmo que através de uma reprovação. Assim vemos que podemos reconhecê-Lo pela necessidade que temos, porque Cristo não veio para os sãos, mas para os doentes, não somente para aqueles para quem as coisas vão bem, mas por cada um, qualquer coisa aconteça na vida. Por isso, aquilo que, paradoxalmente, pareceria ser contra nós, se torna uma ocasião para adquirir consciência daquilo que aconteceu. Agora, no que consiste esta educação à religiosidade? Em uma “solicitação contínua” (p. 233) que vem à tona pelo fato de pertencer a um lugar, um lugar que é a Igreja, que é uma mãe atenciosa.

Colocação: *Nós fazemos Escola de Comunidade na quarta-feira, e quarta-feira eu realmente não quer ir.*

Carrón: Acontece, às vezes.

Colocação: *Eu estava cheia das minhas coisas e, acima de tudo, estava um pouco irritada, mas fui mesmo assim, pois entendo que aquele lugar é vital para mim, é realmente importante, representa um juízo fundamental para a minha vida. Estava lá distraída e já pensava que todas aquelas coisas sobre a Igreja, naquele momento estavam longe de mim. A um certo ponto, um amigo disse uma coisa simples, imperceptível, não era a coisa mais importante que estava emergindo, porém tinha a ver justamente com o que eu estava vivendo naquele momento. Esse amigo disse que tinha dito um sim a um colega, e talvez tivesse parecido um tolo, enquanto que, pessoalmente, ele tinha claro por que tinha dito sim a ele. Isso tinha muita relação comigo, pois eu estava irritada justamente por causa de um sim que eu tinha dito para uma professora, minha colega, e que não deveria ter dito:*

pela enésima vez tinha me pedido para usar algumas horas das minhas aulas e eu tinha dito que sim para ficar tranquila. Depois eu soube que tinha me pedido aquelas duas horas para convidar uma Testemunha de Jeová para contar de seu Holocausto. Pensei: “Justo nas minhas horas?!”. Eu queria falar sobre o Holocausto nas aulas, mas do modo como eu tinha pensado. Porém, aquelas palavras do meu amigo me despertaram. Eu tinha dito um sim, mas carregava uma tristeza; e, pelo contrário, queria estar diante do meu sim como ele estava diante do seu. Fui para casa e queria entender mais. Estudei tudo o Holocausto a partir da perspectiva das Testemunhas de Jeová, e pedi à minha colega para fazer uma intervenção nos primeiros quinze minutos de sua aula. Foi tudo diferente, eu era protagonista daquele momento. Encontrei a Testemunha de Jeová, nos abraçamos e agradecemos por tudo o que nos comunicamos, e me senti livre. Portanto, como dizia a Escola de Comunidade, “é a dependência de Deus que faz de mim eu mesmo, é a dependência de um Outro que me torna livre” (p. 234). Eu me senti livre também dentro daquele sim dito a uma colega. Entendi que a Igreja é uma carnalidade de rostos, que passa através de um amigo que testemunha uma maneira diferente de olhar. Eu sou a Igreja. Entendi que nós somos a Igreja, uns para os outros. Eu disse essas coisas em casa para meu marido, que naquele dia estava um pouco irritado com uma classe que não conseguia domar; no dia seguinte ele foi para a escola levando uma música belíssima para que os jovens ouvissem e assim recomeçar de um outro plano. É uma cadeia de bem, uma salvação gerada por uma atitude certa que então gera cem vezes mais, porque eu me senti muito melhor.

Carrón: Uma circunstância, que pode ser percebida como absolutamente contrária, fez com que você se interessasse pelo argumento escolhido pela sua colega até chegar a dizer uma palavra sua na aula, testemunhando um olhar que inicialmente você não sabia como recuperar. Por quê? Porque um amigo testemunhou-lhe uma maneira diferente de olhar. Quantas vezes, estando diante de fatos como esses, nós reconhecemos o divino que passa pelo humano, embora muitas vezes teríamos nos fechado na nossa medida? Assim tudo se abre, se reconhece o positivo e se abandona todo o resto à misericórdia de Deus. Este olhar que nos testemunhou Dom Giussani, que passa de pessoa para pessoa, que através dele chegou até nós, encontramos em nós pela urgência da Igreja em educar para isso. Não é que, então, não tem mais nada a fazer, aliás, é justamente este olhar novo que põe em movimento ainda mais. Teria sido mais fácil, talvez, dar a aula como a nossa amiga tinha previsto ao invés de estudar todas aquelas coisas novas; e, no entanto, aquela circunstância redespertou todo o seu eu para poder entrar em relacionamento com a pessoa convidada e com os alunos, com essa novidade de olhar, com esse olhar que nasce de um Outro. Um olhar que é impressionante, porque nos liberta, nos liberta até o desapego. Leio um e-mail que chegou e que diz até que ponto pode chegar essa atitude: “Fiquei muito marcado com um trecho de *Por que a Igreja* no qual se diz: ‘A postura certa poderia também significar uma ruptura com o próprio ponto de vista, ou com aquele segmento de vida que se gostaria de agarrar como se fosse tudo, mas, se tal ruptura se realiza, ela gera uma nova verdadeira riqueza, uma nova verdadeira posse das coisas e dos afetos’. Tenho 35 anos, sou enfermeira e vivo sozinha há cinco anos. Diferentemente do que os cânones standard poderiam prever para uma mulher da minha idade, eu não me casei e não tenho filhos; e nem tenho namorado. O que me marca da minha experiência é que não vejo isso como um problema a ser resolvido ou como algo que deve mudar para que seja feliz. Sem este caminho, que me ajuda sempre mais a descobrir a mim mesma e a desfrutar de tudo o que há na minha vida, não me interessa encontrar marido. Esta estrada que faço com vocês me ajuda a partir daquilo que existe, não do que está faltando [a pessoa é libertada de uma medida que pode aplicar ao olhar para si]. Sou feliz pelo fato de que alguém me acompanha sempre, há mais de vinte anos. O resto é um projeto que não está em minhas mãos [você pode se abandonar ao desígnio de um Outro]. Olhando a experiência de amigas coetâneas que vivem a minha mesma situação, percebo que não é óbvio – muito pelo contrário – não ficar presa na angústia por um projeto de vida que poderia não se realizar. Por isso fica ainda mais evidente que é uma alegria que não vem de mim, e disto sou profundamente grata. Não sei o que Deus tem em mente para mim, mas me confio serenamente”. Que experiência de fé deve viver esta pessoa para poder ser livre até este ponto, até este desapego! Isso não pode ser apenas uma tentativa nossa, um esforço nosso, algo que alguém pode conseguir por suas próprias forças; é óbvio que não é assim. De fato, esta é a documentação de como o divino passa – passa, realmente passa – através do humano, e, portanto, se percebe toda a utilidade da fé para enfrentar as

vicissitudes da vida que não se escolhe, como neste caso; aqui se vê a diferença entre o modo de enfrentar uma circunstância, como aquela apenas descrita, por uma pessoa que teve a graça de participar em um lugar como a Igreja e aquela de suas coetâneas que vivem a mesma situação. Todos vemos a diferença, e todos reconhecemos a utilidade da fé para enfrentar a vida.

Colocação: *O trabalho da Escola de Comunidade e a sua entrevista para a revista espanhola foram uma ajuda para conhecer mais a mim e a realidade em que me movo. De modo especial, percebo que o ambiente e o momento histórico cultural, tão impregnados por aquele colapso das evidências que caracteriza a mudança de época a qual sempre nos chama a atenção, são para mim o contexto no qual eu experimento que a minha fé e a minha vocação são a única coisa conveniente que eu tenho, porque iluminam tudo, também os aspectos que naturalmente eu descartaria. E então nasce uma gratidão, até em momentos em que isso pareceria impensável. Na entrevista você diz: “o único que não tem medo de enfrentar o desejo do homem em toda a sua potência é o cristão. [...] Cristo [...] olha toda a profundidade do coração do homem, abraçando-a: ‘Olhe que o seu coração é tão grande que somente o Mistério feito carne está à sua altura’” (“Os problemas não são criados pelos outros, os outros nos tornam conscientes dos problemas que temos”, entrevista realizada por Ángel L. Fernández Recuero, Passos, março/2017), como também diz o capítulo sobre a qual estamos trabalhando: a Igreja é para educar a isso. Encontrei tantos exemplos nestes meses, sobretudo com relação ao trabalho, e gostaria de contar um em particular. Durante um plantão da noite, chegou um jovem rapaz no departamento cardio-circulatório. Infelizmente não conseguimos salvá-lo e, como sempre acontece nestes casos, chega o momento fatídico em que devemos ligar para os parentes e comunicar que um seu ente querido faleceu. Estava ali a esposa, uma estrangeira muito jovem, acompanhada por um vizinho de casa. Assim que soube, instintivamente começou a gritar: “Você tinha me prometido que nunca me deixaria!!!”, dirigindo-se ao marido morto. Eu pensei na mesma hora: “Mas quem pode prometer isso? Nenhum homem, mas Cristo sim”. Eu O encontrei e O encontro todos os dias e faço experiência do Seu ser comigo em milhares ocasiões que o dia me dá, das mais simples como a vida na “Casa”, a missa,*

a Escola de Comunidade e os amigos, àqueles onde se revela entre os fatos do dia, ao trabalho. Só dentro de uma relação com Ele que os outros relacionamentos são para sempre. Instintivamente entendi que eu gostaria de estar com aquela mulher de verdade, abraçá-la, pedindo que através do meu pobre rosto, transfigurado pelas dez horas que passei em pé, pudesse passar novamente aquele “Não chores!” que tantas vezes é dito a mim. E eu pensava: “O que será dela agora, Senhor?”. Quanto mais eu estava ali e mais entendia que a minha resposta não poderia ser a tentativa de juntar seus problemas. Então eu disse a ela: “Olha que ele está agora no Paraíso. Está em paz. Está contigo para sempre”, e no final eu perguntei se ela tinha forças para ver o corpo. Ela me disse que sim, mas pediu que eu estivesse ali com ela. E assim estivemos juntas ao lado do corpo do seu marido. No final, ela sorriu com um rosto mais sereno e tranquilo, não mais transfigurado pela dor, de quem começa a vislumbrar a paz, mesmo que só como possibilidade. De manhã, enquanto me trocava para ir para casa, encontrei com uma colega. Ela me pediu desculpas porque não havia se despedido: “Nestes casos procuro sempre sair pela porta de serviço para não me encontrar com os parentes. Por sorte existem pessoas como você que ficam, porque eu não consigo de verdade. Mas como é que você faz?”. Um gesto tão simples assim, como abraçar uma mulher que acabou de perder o marido, hoje parece impossível. Quando comecei a estudar medicina (já faz dezessete anos) nunca teria pensado, mas quando aconteceu se gerou em mim uma gratidão enorme por um olhar que não é o meu, que me surpreendo por ter, que é de um Outro e que desejo levar a cada homem, paciente, parente, colega, amigo que eu encontro. Obrigada porque sem o trabalho que você me faz fazer eu não poderia nem sequer imaginar esta possibilidade.

Carrón: Então, nestas coisas que nos contou onde você encontrou as duas palavras definitivas que Cristo e a Igreja levam ao homem, ou seja, a pessoa e o reino de Deus? Pense na forma como você tratou aquela mulher; por que pôde tratar-la assim?

Colocação: *Antes de mais nada, porque eu fui tratada assim. Esta é a primeira coisa que me vem à cabeça.*

Carrón: Entendem? A primeira coisa não é pensar abstratamente em que coisa é a pessoa e o reino de Deus, mas como as palavras *pessoa* e *reino de Deus* entram nas víceras do nosso “eu”. Passam através do humano. Ponto! Sem isto não poderia ter reagido assim, primeira coisa. Segunda questão: isto se torna uma ocasião para um testemunho, através do qual o cristianismo chega aos outros que se impactam conosco: “Por sorte existem pessoas como você que ficam, porque eu não consigo de verdade”. Não diz como uma reprovação a si mesma, o diz com surpresa! Não nos trata como palhaços, como se o cristianismo fosse uma pessoa que é palhaça. Não! De fato, com surpresa perguntou: “Mas como é que você faz?”. Através de nós se desperta a pessoa, se desperta a curiosidade. O que esta sua amiga fará desta curiosidade verá ela consigo mesma e com o Mistério. Da nossa parte, experimentando constantemente que o humano é a modalidade com a qual o Mistério faz passar esta percepção do “eu” como *irredutibilidade* e este sentido de um destino bom para a pessoa, sobretudo quando alguém morre. Talvez aquela viúva não irá mais se deparar com outros testemunhos, talvez não fará o funeral cristão para o marido; mas percebeu em você um olhar diferente, que é a modalidade através da qual o cristianismo chegou até ela, no momento em que tudo lhe parecia desmoronar. Nada pode impedir que chegue a quem quer que seja este olhar, através do nosso humano de miseráveis, pela graça que nos aconteceu. É uma irredutibilidade que nos enche verdadeiramente de gratidão.

Colocação: *No final de um encontro do meu grupo de Escola de Comunidade há pouco mais de um mês, me dei conta de uma moça que eu nunca havia visto, arrumando as cadeiras e colocando tudo em ordem na sala depois no nosso encontro. Era a primeira vez que vinha. Nas semanas seguintes eu continuei a observá-la de rabo de olho, e me surpreendia que estivesse sempre muito fiél ao momento da Escola de Comunidade. Em uma manhã fomos tomar um café rápido, cinco minutos. Justo o tempo para que me dissesse: “Você não sabe que companhia vocês da Escola de Comunidade são para mim, que companhia me fazem!”. Ela estava vivendo um momento muito doloroso. Não nos conhecia, não tínhamos nos falado antes daquele dia, e mesmo assim fala isso. Penso em quantas vezes a nossa amizade é medida com base ao quanto nos vemos, quanto conseguimos falar no tu a tu, quanto respondemos a certas imagens de preferência. Ao contrário, essa mulher me estava dizendo que nós da Escola de Comunidade somos para ela uma grande companhia! A primeira pergunta que ficou impressa no meu coração foi: “O que faz companhia a ela e o que faz companhia verdadeiramente a mim?”. Curiosa, eu a convidei para jantar com algumas pessoas da Escola de Comunidade, todas as pessoas que esta nova amiga não conhecia, mas que identificava através das intervenções feitas durante o gesto: “Aquela do trem”, “o professor”, “aquela que esqueceu o cartão do banco na loja de conveniência”. Durante o jantar ela se abriu totalmente, contando-nos sobre si e nos agradeceu dizendo-nos que vindo à Escola de Comunidade tinha começado a se dar conta que não era errado ter certas perguntas. Dizia: “Eu devo agradecer a vocês [gente que encontrava pela primeira vez!] porque em vocês a fé é aplicada à vida. Nunca vi algo assim antes. A fé sempre foi para mim uma questão religiosa e depois estava a vida. Em vocês estão juntas”. Também nos contou que as primeiras vezes que vinha na Escola de Comunidade não entendia muito, mas ao mesmo tempo voltava para casa dominada – como se tivesse respirado um ar fresco – por aquilo que escutava. Depois, quando começaram a cair diante dos seus olhos as palavras que lia, então entendeu: “Para mim, o que está acontecendo comigo é um caminho sem volta. Eu agora vejo a realidade, vejo coisas que antes eu não via. Não sei como é possível, mas é assim”. Enquanto a levava para casa, me contou que nas semanas seguintes à sua primeira Escola de Comunidade havia perguntado várias vezes ao amigo quem eu era. Este lhe dizia alguma coisa, tipo: “É a advogada de quem eu tinha falado”, e, diante da sua insitência, cada vez acrescentava mais detalhes. Mas também diante de todos estes dados, não desistia: “Sim, eu entendi, mas quem é?”. Isso me deixou sem palavras. No carro, continuava: “Aquele olhar do qual você falou, aqueles ‘olhos de céu’ do qual falava a música que haviam cantado na primeira vez que eu vim, está aí, aqueles ali você também têm, sabia?”. Voltando para casa eu tive que desligar o rádio. Lembrei-me de um trecho da sua entrevista: “Aqueles que encontravam Jesus ficavam tão surpresos com o que acontecia quando estavam com ele, que exclamavam: ‘Nunca vimos uma coisa assim’. Experimentavam um fascínio tal que iam atrás dele” (“Os problemas não são criados pelos outros, os outros nos tornam conscientes dos problemas que temos”, entrevista realizada por Ángel*

L. Fernández Recuero, cit.). Quem não deseja a memória comovida desta exclamação: “Nunca vimos uma coisa assim”. E isto era o que estava acontecendo diante dos meus olhos. Diante dessa amiga eu estava me dando conta da diversidade que tomou conta de mim e de como eu estava feliz por isso. Percebi que eu era feliz por poder reconhecer que Jesus vive em mim. Eis o que me faz feliz. O impacto nela me estava restituindo o encontro que aconteceu em mim e que acontece na minha vida, mas que eu tenho uma necessidade enorme de conhecer. Todo o meu eu surge do Mistério que vem ao meu encontro e que me permite tomar consciência de quem sou eu. Quando Ele entra na minha vida, muda a percepção que eu tenho de mim. Como é verdade que a palavra definitiva sobre o meu ‘eu’ é o Verbo que se comunicou a nós fazendo-se carne! Todo o meu dia pode ser vivido correndo atrás de tantas migalhas, mas só a consciência de mim como dependência total, como relação, me inflama o coração. A única possibilidade de verdadeira amizade entre nós é se lembrarmos-nos aquilo pelo qual eu sou irredutivelmente ‘eu’, a dependência d’Ele, o ser feita d’Ele. Isto me faz feliz verdadeiramente. Eis o que fez companhia a esta nossa amiga, antes mesmo de nos conhecermos, a mesma coisa que faz companhia a mim: encontrou um lugar onde a misericórdia se fez carne e veio habitar entre nós, em mim.

Carrón: Devemos ir embora daqui, esta noite, tendo tomado consciência daquilo que você disse. Repita-me as palavras que esta amiga te disse, porque é assim que identificamos que coisa lhe faz companhia.

Colocação: “Em vocês a fé é aplicada à vida”.

Carrón: “A fé aplicada à vida”. De fato, a fé que tinha vivido antes o que era para ela? “A fé sempre foi para mim uma questão religiosa e, depois, tinha a vida”. O que isto quer dizer com relação ao primeiro capítulo que abordamos no último encontro? Que o divino passa através do humano. Não é sobreposto ao humano, não, mas é através, dentro do humano, dentro do modo com o qual vivemos. Todo o capítulo que estamos trabalhando tem como objetivo nos fazer entender qual é a utilidade da fé para as vicissitudes da vida, o que significa pertencer à Igreja, depois de ter tido conhecimento de todos os elementos constitutivos e estar cientes de que o divino passa através do humano. Por que passa através do humano? Em todos os exemplos feitos – e esta amiga diz isso de modo explícito – o que vimos acontecer? Que “a fé é aplicada à vida”, que incide sobre a vida. Em outras palavras, seguir Cristo significa estar em uma posição para enfrentar a vida e a realidade de uma maneira diferente. Esse é o tema do capítulo: Que relação tem a Igreja com a realidade terrena e com o caminho do homem ao destino? O que tem a ver? Que novidade introduz? Não certamente o de viver como todos acrescentando, em seguida, o discurso, não. De fato, o olhar e a modalidade de estar na realidade daqueles que participam da vida da Igreja documentam que aconteceu algo diferente. E isso é muito interessante, porque nos diz que é a forma pela qual nos tornamos uma presença. O que significa estar presentes? O que faz companhia às pessoas, e o que é que me faz me dar conta de mim mesmo? É aquilo que a sua amiga disse sobre você: “Mas quem é?”. Por que insiste em perguntar? Porque todas as definições que tinha não servem, não são úteis para a sua vida. “Quem é?”. Perceber isso gera uma consciência de nós mesmos, uma gratidão (como dissemos antes), uma percepção que nos faz gratos porque nos descobrimos determinados por esta autoconsciência. Ou seja: vimos qual é a utilidade da fé para enfrentar as vicissitudes da vida. É isso que interessa. Se isso não passa no nosso cotidiano, se a fé não serve para viver as nossas circunstâncias, não irá interessar aos outros. Uma fé sobreposta à vida não interessa a ninguém, nem a nós. Pelo contrário, começa a nos interessar e começa a interessar às pessoas quando a fé se comunica através do humano, quando passa através do humano. E isso é visto no tipo de provocação que a companhia é para aquela sua amiga, que não precisa de sentimentalismos, mas sim ser liberada a partir de uma novidade de vida, uma novidade que ela conheceu na Escola de Comunidade. Se, depois, é possível ir tomar um café juntos, melhor ainda, mas essa sua amiga já estava, de todo modo, contente, pelo que lhe havia acontecido antes, e que depois chega até aos detalhes. Às vezes nós pensamos que essa nossa amiga não tenha a ver com os detalhes. É o contrário. O primeiro indício, de fato, que essa amiga ofereceu a você o que estava acontecendo nela foi o fato de ela arrumar as cadeiras no salão. Parece nada, mas ao invés responde justamente à pergunta que às vezes nos fazemos: mas o que a fé tem a ver com os detalhes? Jesus nos diz: “Vejam que a novidade que eu vim trazer não deixa nada de fora”. É o contrário do “tudo livre”, pois é tudo igual. De fato, Jesus diz: “Em verdade, eu vos digo: antes que o

céu e a terra deixem de existir, nem uma só letra ou vírgula serão tiradas da Lei, sem que tudo aconteça. Portanto, quem desobedecer a um só destes mandamentos, por menor que seja, e assim ensinar os outros, será considerado o menor no Reino dos Céus. Porém, quem os praticar [...], será considerado grande no Reino dos Céus” (Mt 5,18-19). Preocupar-se com as cadeiras é moralismo ou é o dilatar-se desta novidade até as cadeiras? Se você se apaixona e vai ao cabelereiro, essa é uma adição moralista, ou é um sinal de que aquela novidade chega até ali, até o desejo de arrumar os cabelos? E por que Dom Giussani recolhia cada pedaço de papel que ele via no chão? Não fazia por moralismo, mas porque aquele seu gesto não era separado da origem, na verdade, ele fez isso pela exuberância daquela origem, como atenção a todos os detalhes. Por isso é errada a postura na qual, se o que nós encontramos é uma coisa incrível, então podemos fazer o que queremos. É verdade o contrário! Quanto mais essa novidade acontece, mais tem a ver com tudo. E as pessoas que vivem assim, como podem ver, a descreve sem fazer discursos, simplesmente. E você percebe e fica marcada. Fica marcada. Por quê? Porque precisa se perguntar: “O que aconteceu com essa pessoa para que chegue a se interessar até o último detalhe?”. É uma novidade que chega em todos os lugares: em como a pessoa arruma a casa, o quarto ou o escritório, se interessa por tudo por causa daquela pretensão totalizante de um fato, cuja novidade não deixa nada de fora daquilo que toca. E como pode não interessar a uma pessoa ver alguém que é tocado por esta preferência, por esta escolha de Deus, a ponto de que tudo em sua vida é exaltado? Na medida em que nós vicemos isso como gratidão, como exuberância daquilo que aconteceu, poderemos documentar a todos, testemunhar a todos como, através dos nossos limites, passa justamente a novidade divina que aconteceu conosco.

AVISOS

A próxima Escola de Comunidade acontecerá na quarta-feira, 22 de março às 21h.

Neste mês retomaremos a segunda parte deste capítulo, UMA MISSÃO DA IGREJA PARA COM O HOMEM TERRENO, os pontos 6 a 9, da página 244 a 252.

O tempo de Quaresma que vai começar deve interrogar a todos sobre o porquê a Igreja o propõe a cada ano. Que ocasião é para cada um de nós? Como a Igreja, que se demonstra mãe de cada um de nós, não nos deixa ir pela nossa estrada sem este chamado à verdade de nós que é a Quaresma? Que passo pede para darmos no nosso caminho? Por que nos propõe todo ano? Para não perdermos aquilo que vimos nesta noite, não é para acrescentar outras complicações ao viver, mas para não perdermos a novidade que nos alcançou.

Neste período, na Itália e no exterior, são celebradas missas para recordar o Aniversário de reconhecimento da Fraternidade, que é o modo como a Igreja quis confirmar a bondade do caminho que estamos percorrendo, e o Aniversário da morte de Dom Giussani, que acontece justamente hoje. Peçamos para ser fiéis, apesar de todos os nossos limites, à estrada que Dom Giussani traçou. Por isso nos coloquemos de pé e rezemos um *Glória* por ele.

Glória

Veni Sancte Spiritus